UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

61

INSCRIÇÕES 276-279

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1999

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga
ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.

Education et culture
Culture 2000

Depósito Legal Nº 191563/03

276

ARA A *VORDO TALACONIO* DE SORTELHA (SABUGAL)

Ara votiva de granito da região, de cor cinzenta e de grão grosseiro, identificada em Junho de 1997, nas obras de reabilitação do muro do adro da Igreja de Nossa Senhora das Neves, em Sortelha (concelho do Sabugal), durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico no Centro Histórico de Sortelha. Actualmente, encontra-se guardada na Câmara Municipal do Sabugal, até à criação do futuro museu local [1].

Trata-se de um monumento rudemente afeiçoado, cuja reutilização contribuiu para a sua deterioração, apresentando fracturas na parte superior.

Do capitel restam apenas os vestígios dum toro. A parte superior encontra-se alisada, não se observando quaisquer traços de fóculo. A moldura que separa o capitel do fuste é constituída por uma gola encurtada. O fuste apresenta ambas as faces alisadas. A face anterior está totalmente ocupada pelo texto. A base, bem diferenciada, é separada do fuste por um ressalto pronunciado.

Dimensões: 7 x (15) x (15); 23 x 19 x 12,5; 10 x 23,5 x 17,5.

Campo epigráfico: 23 x 19.

VORD[I]/O TALAC/ONIO / M(*arcus*) · C(*ornelius?*) · O(*?*)· /[5]
Q(*ui*) · L(*ibens*) · F(*ieri*) · I(*ussit*)

---

[1] Agradecemos a Fernando Patrício Curado e a Armando Redentor as indicações que nos deram para a realização deste estudo. Em Sortelha, tinha sido já identificada outra ara votiva, reaproveitada no cemitério local, a ser brevemente publicada por Fernando Curado.

A Vórdio Talacónio, Marco C(ornélio?) O(?), que livremente mandou fazer.

Altura das letras: l.1: 4,5 (R=4); l. 2: 4; l. 3: 4; l. 4: 4; l. 5: 3,5. Espaços: 1: 0,6-1; 2 e 3: 0,2-0,5; 4: 0,0-0,2; 5: 0,3-0,5; 6: 0,0-0,3.

Embora gastas pelo efeito da reutilização e pela qualidade do suporte granítico, as letras da inscrição lêem-se com facilidade, excepto a última linha. O texto apresenta-se distribuído por todo o campo epigráfico, dividido em cinco linhas e alinhado à esquerda.

Os caracteres são regulares, pela relativa homogeneidade da altura das letras. Há letras do tipo capital quadrada, como é o caso dos O, perfeitamente circulares, a partir de cujo molde se traçaram o Q e o C, e o caso do R, gravado a partir do P, com a perna segura à pança e não à haste. A letra M é aberta, com as hastes exteriores oblíquas, feita a partir de dois A. Regista-se na l.2, o nexo TALA, não muito frequente.

A l. 4 apresenta o M com maiores dimensões que o C e o O seguintes. Na última linha (l. 5), os caracteres têm menor tamanho, dada a exiguidade do espaço restante. A letra Q não é explícita, por estar gasta e encontrar-se no limite do campo epigráfico.

A 4.ª e a 5.ª linhas revelam algumas dificuldades de interpretação, dado que permitem outras leituras. O dedicante identifica-se através de M C O, que serão os *tria nomina* em siglas. Tal acontece, provavelmente, pela necessidade e desejo de anonimato do dedicante[2]. Seria mais estranha a leitura: M(*arcus*) CO(*rnelius*).

Atente-se na invulgar fórmula final votiva QL · FI e no único ponto de separação existente no texto, entre o L e o F. A expressão é rara, sendo mais comum a utilização apenas de *fieri iussit* [3]. Seríamos tentados a imaginar uma alternativa: Q(*uintus*) L(*ucii*) . FI(*lius*), obrigando, por falta de espaço, a passar a fórmula final para a base da ara, que se encontra bastante gasta para permitir adivinhar qualquer leitura.

A epígrafe aumenta para nove as inscrições conhecidas a esta

---

[2] Ver ENCARNAÇÃO, José d' (1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, n.os 531-532, onde são apresentadas algumas inscrições votivas a Endovélico, cujos dedicantes são registados na forma de *tria nomina* abreviados.

[3] Ver outros exemplos em ENCARNAÇÃO, 1984: n.° 487; e VIVES, José (1971), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, n.os 303 e 566.

divindade indígena, no território da Lusitânia – como epíteto de Banda[4] ou sob forma adjectivada isolada[5]. Os testemunhos documentados demonstram uma notável concentração em torno dos relevos da Malcata e da Gata[6], podendo falar-se numa área concreta de culto, de âmbito regional. Não seria estranho relacionar os exemplares conhecidos com o contexto mineiro onde se identificam[7] – no presente caso, as minas da Quarta-Feira, da freguesia de Sortelha[8].

O teónimo surge agora, por primeira vez, sob a forma nominal – *Vordio*,[9] na variante sonorizada, acompanhado do epíteto *Talaconio*. A interpretação comum avançada para as três distintas formas adjectivais conhecidas: *Vorteaeceo*, *Vortiaecio* ou *Vortiacio*, como epítetos de natureza gentilícia[10], parece ser agora contrariada pelo

---

[4] Em Salgueiro (Fundão): ENCARNAÇÃO, José d' (1975) *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, p. 137. Em Carrazeda de Ansiães: ENCARNAÇÃO, José d'; LEMOS, F. Sande (1991), «Uma ara votiva romana identificada na capela da Senhora da Ribeira», *Brigantia*, XI (3-4), Bragança, pp. 121-125; e em ENCARNAÇÃO, José d' (1992), «Ara votiva a Bandu Vordeaeco», *Ficheiro Epigráfico*, 40 (179), Coimbra. Neste mesmo Ficheiro é referida a inscrição de Vale Queimado (Penamacor), que aguarda publicação por José Luís Cristóvão, num próximo FE. Existe ainda outro caso duvidoso, interpretado como dedicado à mesma divindade: *B. V. S.*, em São Vicente da Beira, Castelo Branco: GARCIA, José Manuel (1984), *Epigrafia Lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, p. 51.

[5] Em Arrochela (Penamacor): CURADO, Fernando Patrício (1985), «Ara a Vortiaecivs», *Ficheiro Epigráfico*, 13 (57). Em S. Martinho (Castelo Branco): GARCIA, José Manuel, (1984), *Epigrafia Lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, p. 79. Em Malpartida de Plasencia (CIL II 855) e em Montehermoso (Cáceres), referidos ambos em HABA, S. (1990), «La divinidad Vortiacio: nuevos testimónios epigráficos hallados en la provincia de Cáceres», *Alcantara*, 19, Cáceres, pp. 121-130.

[6] Ver os mapas 1 e 2, apresentados por HABA, 1990, p. 127.

[7] Ver a discussão deste problema em ENCARNAÇÃO e LEMOS (1991), *ibidem*, p. 124.

[8] São conhecidas algumas explorações mineiras de cobre e estanho, desde a Pré-História recente até à Romanização, próximas de Sortelha. No sítio da Tapada da Tenda (Quarta-Feira), recolhemos cerâmica de construção romana, próxima de alguns poços de antiga captação mineira.

[9] É conhecido outro caso similar: um *Bannei Picio* em Belver e a mesma divindade apenas como *Picio* em Oliveira do Hospital, in ENCARNAÇÃO, José d'; CARVALHO, Rogério (1984), *Belver ao Tempo dos Romanos – a População e as Suas Crenças*, Portalegre.

[10] GARCIA, José Manuel (1976), «Contributo para a compreensão das divindades do 'grupo Band' – uma nova ara», *Conimbriga*, XV, Coimbra, p. 149. Ver também HABA, 1990, p. 128.

aparecimento da forma nominal. Coloca-se, então, a hipótese de ter apenas um sentido religioso.

Em *Vordio*, encontramo-nos perante um teónimo de raiz *uer-*, com o significado de 'óptimo', 'supremo' [11] ou a ideia de 'torcer, girar ou virar' [12].

O epíteto *Talaconio*, com base no radical inicial indo-europeu *tala* –, adquire o sentido de 'terra' [13]. Curiosamente, a poucos 20 km para leste de Sortelha, em Vila Boa, foi identificada uma inscrição funerária com o antropónimo *Talaceo*, formado a partir do mesmo radical [14].

Seria aliciante identificar nesta divindade uma simbologia associada aos ciclos da exploração agrícola.

A paleografia, a tipologia simplificada do monumento, o formulário (utilização de *tria nomina* abreviados e de estranha fórmula final), sugerem uma datação de meados do séc. I d.C.

MARCOS OSÓRIO

---

[11] FERNANDEZ ALBALAT, Blanca (1990), *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas*, A Coruña, p. 156.

[12] LAPESA, Manuel Palomar (1957), *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Theses et Stvdia Philologica Salmanticensia, X, Salamanca, pp. 112-113. Há mesmo um paralelo na Península Itálica: *Vortumnus*, divindade da fertilidade, relacionada com a mudança das estações do ano e as transformações da Natureza. Ver HABA, 1990, pp. 128-130.

[13] ALBERTOS FIRMAT, Mª. de Lourdes (1966), *La onomastica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Theses et Stvdia Philologica Salmanticensia, XIII, Salamanca, p. 217.

[14] CURADO, F. Patrício (1985), «Estelas funerárias de Vila Boa (Sabugal)», *Ficheiro Epigráfico*, 27 (123.2).

276

277

UNA NUEVA GENTILIDAD EN UN EPÍGRAFE DE SAN LEONARDO DE YAGUE (SORIA)

En esta nota se describe una inscripción romana hallada recientemente en San Leonardo de Yagüe, un pueblo situado en la parte nor-occidental de la provincia de Soria. La noticia de su descubrimiento y una breve referencia al contenido del texto con su traducción, apareció en Febrero de 1999 en un periódico de difusión provincial.[1] Posteriormente, en Julio de 1999, uno de los firmantes de esta nota (JGP), inspeccionó y fotografió la pieza con la colaboración de D. Armando Mateo, vecino de San Leonardo y autor de la traducción e interpretación del epígrafe aparecida en la prensa, a quien agradecemos su asistencia.

Se trata de una estela de caliza dorada, del tipo empleado en las inscripciones de Clunia y S. Esteban de Gormaz. La pieza, cuyas medidas actuales son (100) x 58 x 21 cms, se diseñó atendiendo a un esquema bipartito claramente diferenciado. En el registro superior debía de ir la decoración pero la mutilación de esta parte impide conocer el detalle de la ornamentación, aunque el arranque aún visible de dos listeles en ángulo invita a suponer que el remate era un triángulo inscrito en la cabecera de la pieza, figurando el característico frontón de un templo o una edícula funebre; el proceso de simplificación y esquematización de este motivo a partir de modelos más complejos fue explicado por Abásolo[2] al tratar la rica y sorprendente decoración de la estela de Zuzones, en la provincia de Burgos, un testimonio que sólo tiene en común con nuestro caso la proximidad geográfica.

---

[1] *Diario de Soria*, 19/2/99, p. 10, cuyo suelto fue gentilmente remitido por Félix García-Palomar, de San Esteban de Gormaz.

[2] J.A. Abásolo, A propósito del relieve de Zuzones, en *Homenaje al Prof. Martín González*, Valladolid, 1995, pp. 45-50.

El registro inferior, en cambio, un rectágulo rehundido de 50.5 x 37 cms, contiene la inscripción, dividida en 6 renglones de acuerdo con un esquema de compaginación bastante correcto, sólo roto por la imposibilidad de encajar el largo idiónimo de rr. 2-3 en una única línea. Las letras miden entre 6-5 cms y se caracterizan por su regularidad; todas las palabras, compendios y siglas fueron sistemáticamente separadas empleando puntos triangulares.

Según se nos dijo en San Lorenzo, la estela se encontró a comienzos de febrero de 1999 al reformar una casa del pueblo, sin que nadie sepa cuánto tiempo llevaba allí ni de dónde procedía. Ahora se encuentra colocada sobre un pedestal de cemento en el patio de las Escuelas de San Lorenzo de Yague y lo que en ella se lee es:

Valerius·
Atto·Saig-
leiniq(um)·
Acconis·
f(ilius)·an(norum)·LXII·
h(ic)·s(itus)·e(st)·s(it)·t(ibi)·t(erra)·l(evis)·

Aquí yace Valerio Atto, de los Saigleinicos, hijo de Acco, muerto a los 62 años. Que la tierra no te pese.

Exceptuando el nombre de la gentilidad o grupo suprafamiliar al que perteneció el difunto, su onomástica es banal y ajustada a los usos y particuaridades de la zona. Valerius es uno de los gentilicios más comunes en las comarcas del centro de Hispania, pero no hace falta recurrir a las clientelas formadas por C. Valerius Flaccus a su paso por Celtiberia para explicarlo,[3] porque el nombre se encuentra repartido por igual en toda las regiones de Hispania; por el contrario, su popularidad — es el segundo gentilicio más común en el conjunto de las inscripciones hispanas — se debe más bien a que se trata de un antropónimo de buen agüero.[4]

---

[3] S. Crespo Ortíz de Zárate, Los Valerii de Hispania celtibérica: La Herencia de C. Valerius Flaccus, *Celtiberia,* 92, 1998 pp. 231-250.

[4] J.M. Abascal, *Los nombres personales en la inscripciones de Hispania*, Murcia 1994, pp. 29-30 y lista de casos, s.v.

Por su parte, Atto y Acco son nombres personales que aparecen con frecuencia en lugares próximos a San Lorenzo, como demuestra una búsqueda de urgencia en los repertorios epígráficos de la región. Atta/Atta figura en inscripciones procedentes de Almadrones, Guadalajara (CIL II 6294 = ERGuadalajara 3); Candeleda, Avila (LICS 97); Clunia (ERCl 29, 81 y S-29); Duratón, Segovia (LICS 298); Lara de los Infantes, Burgos (ERLara 149); Muro de Agreda (EE VIII, 284 = ERS 78; ERS 76) y San Esteban de Gormaz (CIL II 2814 = ERS 26; AE 1995, 869 = HEp 6, 894), ambos en la misma provincia de Soria. Por su parte, Acca/Acco está documentado en Avila (LICS 8-9 y 20); Segovia (HEp 6, 860); Clunia (CIL II 2808 = ERCl 97; HEp 2, 104), Gumiel de Hizán (CIL II 2771), Quintanarraya (AE 1985, 592) y Valdeande (AE 1994, 1017 = HEp 6, 182), los cuatro de la provincia de Burgos; Barcebalejo (ERS 1980), en Soria; y el *uxamensis* de este nombre enterrado en Córdoba (CIL II²/7, 385).[5]

La novedad, en cambio, la constituye la gentilidad o grupo suprafamiliar del difunto, los *Saigleiniqui*, que no se había documentado antes. Desgraciadamente, y como suele ser frecuente, es poco lo que puede decirse al respecto porque si hay un rasgo característico de estos idiónimos es su singularidad: son pocos los que se repiten y las causas de esas reiteraciones no sólo no se conocen sino que constituyen motivo de cierto debate.[6] En cualquier caso, nótese que de Yecla de Yeltes, en Salamanca, procede la lápida de un indi-

---

[5] Las siglas empleadas tienen las siguientes correspondencias: AE = *L'Année Epigraphique*, París – BSAA = *Boletín del Seminario de Arte y Arquelogía*, Valladolid – EE = *Ephemeris Epigraphica* – ERCl = P.D. PALOL – J. VILELLA, *Clunia II. La epigrafía de Clunia*, Madrid 1987 – ERGuadalajara = J.M. Abascal, Epigrafía romana de la provincia de Guadalajara, *Wad-al-Hayara* 10, 1983, 49--115 – ERLara = J.A. ABÁSOLO, *Epigrafía romana de la región de Lara de los Infantes*, Burgos 1974 – ERS = A. JIMENO, *Epigrafía romana de la provincia de Soria*, Soria 1980 – HAEp = *Hispania Antiqua Epigraphica,* Madrid – HEp = *Hispania Epigraphica,* Madrid – LICS = R. KNAPP, *Latin Inscriptions from Central Spain*, Berkeley 1992.

[6] M.C. GONZÁLEZ, Reflexiones sobre las unidades organizativas indígenas del área indoeuropea, en EAD. – J. SANTOS (edd.), *Las estructuras sociales indígenas del Norte de la Península Ibérica (Revisiones de Historia Antigua, I)*, Vitoria 1994, 139-166; J. GÓMEZ-PANTOJA, Gentilidad y origen, en F. VILLAR – J. de ENCARNAÇÃO (edd.), *La Hispania Prerromana (Actas del VI Coloquio de Lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica, Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*, Salamanca 1966, 77-100.

viduo llamado *Pacidius Sailcieicon*[7] y que éste etnónimo y el de San Leonardo de Yagüe quizá esten emparentados con un nombre personal hispánico poco corriente que aparece bajo las formas *Saiclius* o *Sailgius*. Ejemplos del primero sólo conocemos dos: una lápida de Santervás de la Sierra, Soria;[8] y un epitafio de dudosa lectura procedente de Hinojosa de Duero, Salamanca.[9] La segunda forma tampoco fue mucho más popular y, de nuevo, sólo parece haber dos ejemplos, ambos procedentes de la provincia de Cáceres, uno de Casas de Millán y el otro de Abertura.[10]

A tenor de los indicios disponibles, la inscripción de San Leonardo de Yagüe puede datarse en una fecha temprana, posiblemente en el S. I, por la ausencia de advocación a los dioses infernales y de calificativos de afecto; por el empleo del nombre del difunto en nominativo y sin abreviar; y por la falta de cualquier mención a los dedicantes o factores del epitafio.

JOAQUÍN GÓMEZ-PANTOJA[11]
SARA FERNÁNDEZ MEDINA[12]

---

[7] CIL II 5314; cf. M.L. ALBERTOS, Organizaciones suprafamiliares en la Hispania Antigua, *BSAA* 40-41, 1975, 18 n. 205; M.C. GONZÁLEZ, *Las unidades organizativas indígeneas del área indoeuropea de Hispania (Anejos de Veleia, 2)*, Vitoria 1986, 133 n. 172.

[8] ERS 107, con la lectura revisada por Gómez-Pantoja.

[9] J. Maluquer, *Carta arqueológica de España: Salamanca*, Salamanca 1956 = HAEp 1296.

[10] AE 1972, 235 y AE 1977, 409, respectivamente.

[11] Departamento de Historia, Universidad de Alcalá, E-28801 Alcalá de Henares – gomez.pantoja@uah.es – http://www2.alcala.es/histant/pantoja/pantoja3a.htm.

[12] Universidad de Alcalá.

278

FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA DAS BRANCAS
(Conventus Pacensis)

O sítio arqueológico das Brancas (freguesia de Santo Aleixo, concelho de Monforte) foi indicado por Romão Mimoso a Rui Boaventura em Março de 1994.

Situa-se numa colina próxima do Monte das Brancas, dispersando-se os vestígios arqueológicos por uma área de cerca de 1 ha. Pelo material recolhido nas sequentes batidas – vários elementos de colunas de mármore e granito, *tegulae*, *imbrices*, tijolos, blocos de *opus signinum*, mós, cerâmicas comum, *sigillata*, paredes finas e elementos metálicos – classificamos este sítio como *villa*. O fragmento de placa foi encontrado por Romão Mimoso em Abril.

Todos os materiais se encontram depositados no Gabinete de História da Câmara Municipal de Monforte, no âmbito do projecto COMONPH, sob orientação de Rui Boaventura e Carla Lopes.

A placa, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, apresenta ainda parte da moldura superior, com a largura de 7,5 cm; a parte de trás não é afeiçoada.

Dimensões: 21 x 33 x 6.

[...] IVLIVS [...] / [...] FVSCV[S [...]

... Júlio Fusco ...

Altura das letras: 4. Espaços: 1,2.

Paginação correcta, com os caracteres bem gravados, em capital quadrada do séc. I.

Na linha 1, apenas o I inicial não está completo; na linha 2, todas as letras se encontram incompletas devido à orientação da

fractura, lendo-se com facilidade o VSC; o F inicial identifica-se bem; o 2.° V apenas tem parte de uma haste e o S final desapareceu.

O nome *Iulius* é muito frequente nesta região, documentando-se o cognome *Fuscus* em *Ammaia* – *Fusca* – e no Alandroal (IRCP, n.os, 534, 608, 627 e 632).

Trata-se de uma placa funerária do séc. I, tendo em conta o contexto de onde provém, sem invocação inicial aos deuses Manes.

CARLOS BATATA
RUI BOAVENTURA

279

UM FRAGMENTO DE EPÍGRAFE ROMANA PROVENIENTE DAS TERMAS DOS CÁSSIOS, EM LISBOA

Este fragmento de inscrição romana foi encontrado em 1997, num nível de destruição da área noroeste das Termas dos Cássios, na Rua das Pedras Negras, freguesia da Madalena, em Lisboa.

Trata-se de uma placa, de pedra lioz rosada, partida à esquerda, à direita e em baixo. A face epigrafada foi polida; a inscrição, partida à esquerda e à direita, apresenta apenas uma linha, aberta com badame, sem vestígios de linha auxiliar.

Dimensões: (16,8) x (16,3) x 1,9.

[...] GGEḲV[...]

Altura das letras: 4,7

A leitura de este fragmento não parece fazer qualquer sentido, e o que o torna particularmente interessante é o facto de a face da inscrição apresentar vestígios de argamassa e o lado oposto se encontrar polido, tendo pertencido a uma placa de revestimento das termas, em que a face epigrafada não era visível.

A rudeza do talhe das letras – de tipo monumental quadrado – sobretudo dos dois "G", que são distintos e muito imperfeitos, apontam para que possa estar em presença de um exercício de aprendiz de lapicida.

LAURA TRINDADE
A. M. DIAS DIOGO

279